

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE DIREITO, NEGÓCIOS E COMUNICAÇÃO
CURSO DE ADMINISTRAÇÃO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**BARREIRAS, DESAFIOS E OPORTUNIDADES PARA MULHERES
EMPREENDEDORAS**

BARRIES AND OPPORTUNITIES FOR WOMEN ENTREPRENEURS

Orientando: Maria Eduarda de Souza Santos
Estudante de administração da PUC Goiás
meremedss@gmail.com

Orientador: Dra. Silvana de Brito Arrais Dias
Professora do curso de administração da PUC Goiás
silvanabritoadd@gmail.com

Prof.^a Ma. Gisely Jorge Mesquita
Professora do curso de administração da PUC Goiás
gisely@pucgoias.edu.br

Prof.^a Wanessa Pazini Rocha
Professora do curso de administração da PUC Goiás
paziniwanessa@gmail.com

Linha de pesquisa: Gestão Estratégica

RESUMO:

Esta pesquisa busca investigar as principais barreiras e oportunidades enfrentadas por mulheres empreendedoras de micro e pequenas empresas. A metodologia utilizada conciliou pesquisa bibliográfica, baseada em artigos, websites e livros sobre o tema, e pesquisa de campo, com aplicação de questionários a 25 empreendedoras de micro e pequenas empresas e uma entrevista no primeiro semestre de 2025. O estudo tem abordagem qualitativa e quantitativa, permitindo tanto a análise de percepções individuais quanto a identificação de padrões e tendências a partir dos dados coletados. A pesquisa exploratória foi utilizada para aprofundar o conhecimento sobre as barreiras, desafios e oportunidades no contexto do empreendedorismo feminino. Os dados obtidos demonstraram que, apesar das adversidades enfrentadas — como a conciliação entre múltiplos papéis, a necessidade constante de validação e a limitação no acesso a políticas públicas e financiamento —, as mulheres empreendedoras têm desenvolvido caminhos próprios para fortalecer seus negócios. Observou-se que sua atuação é marcada por estratégias que envolvem não apenas capacitação e networking, mas também inteligência emocional e propósito. A motivação principal para empreender esteve ligada à realização pessoal e profissional, enquanto a resiliência, a adaptação estratégica e a busca por autonomia se mostraram fundamentais para a manutenção e o sucesso de seus negócios.

PALAVRAS-CHAVE: Empreendedorismo feminino; equidade de gênero; vida pessoal e profissional; barreiras empresariais; oportunidades.

ABSTRACT:

This research aims to investigate the main barriers and opportunities faced by female entrepreneurs of micro and small businesses in Brazil. The study analyzes factors that influence the development of their businesses, considering challenges such as access to credit, gender bias and the balance between professional and personal life, as well as the opportunities that favor the growth and sustainability of these companies. The methodology used combines bibliographic research, based on articles, websites and books on the subject, and field research, with the application of questionnaires and interviews with female entrepreneurs of micro and small businesses in the first half of 2025. The study has a qualitative and quantitative approach, allowing both the analysis of individual perceptions and the identification of patterns and trends from the data collected. Exploratory research will be used to deepen knowledge about the challenges and opportunities in the context of female entrepreneurship. The results hope to provide relevant insights into the current scenario of female entrepreneurs in Brazil, contributing to the development of strategies that minimize the difficulties faced and strengthen the female presence in entrepreneurship. Furthermore, the study may serve as a basis for the formulation of public policies and private initiatives aimed at promoting gender equality in the business environment. The data collected demonstrated that, despite the adversities faced — such as balancing multiple roles, the constant need for validation, and limited access to public policies and funding — women entrepreneurs have developed their own paths to strengthen their businesses. Their approach is marked not only by investment in training and networking, but also by emotional intelligence and a strong sense of purpose. The main motivation for undertaking entrepreneurship was linked to personal and professional fulfillment, while resilience, strategic adaptation, and the pursuit of autonomy proved to be fundamental for sustaining and succeeding in their ventures.

KEYWORDS: Female entrepreneurship; gender equity; work-life balance; business barriers; opportunities.

INTRODUÇÃO

As mulheres empreendedoras têm ganhado destaque no cenário econômico global, sendo um importante fator para o empoderamento feminino e o desenvolvimento social. No Brasil, o número de mulheres que iniciam seus próprios negócios tem crescido significativamente, impulsionado tanto pela necessidade de independência financeira quanto pelo desejo de inovação e realização profissional. De acordo com a pesquisa Global Entrepreneurship Monitor (GEM) 2024, realizada pelo Sebrae em parceria com a Associação Nacional de Estudos e Pesquisas em Empreendedorismo (Anegepe), a participação das mulheres no universo do empreendedorismo voltou a crescer no Brasil em 2024. Após quatro anos de queda, a proporção de mulheres à frente de um negócio aumentou e alcançou 46,8% entre os chamados empreendedores iniciais. Apesar desse avanço, as empreendedoras ainda enfrentam diversas barreiras que podem dificultar sua permanência e crescimento no mercado.

Diante desse contexto, esta pesquisa tem como objetivo investigar as principais barreiras, desafios e oportunidades que as mulheres empreendedoras de micro e pequenas empresas no Brasil se deparam, analisando fatores que influenciam o desenvolvimento de seus negócios. Para isso, os objetivos específicos incluem:

- Realizar levantamento bibliográfico dos assuntos relativos ao tema;
- Estruturar os instrumentos de levantamento de dados;

- Aplicar os instrumentos de levantamento de dados;
- Realizar o levantamento de dados;
- Identificar as principais barreiras e desafios enfrentados por mulheres no empreendedorismo;
- Analisar as oportunidades e estratégias utilizadas por mulheres para crescerem no mercado;
- Apresentar sugestões para fortalecer o empreendedorismo feminino e minimizar as barreiras enfrentadas.

Esta pesquisa se justifica pela necessidade de compreender quais são as principais barreiras, desafios e oportunidades para as empreendedoras, gerando conhecimento que pode auxiliar futuras empresárias a superarem barreiras e aproveitarem oportunidades. O estudo também contribuirá para que políticas públicas e iniciativas privadas sejam mais eficazes no incentivo ao empreendedorismo feminino, promovendo um ambiente de negócios mais equitativo.

Dessa forma, a pesquisa se propõe a responder às seguintes questões-problema:

- Quais são as principais barreiras, desafios e oportunidades que as mulheres empreendedoras de micro e pequenas empresas se deparam?
- Como as mulheres conseguem conciliar vida profissional e pessoal?

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A fundamentação teórica deste estudo aborda o empreendedorismo feminino e os desafios, barreiras e oportunidades que o cercam. Inicialmente, é explorado o empreendedorismo e seu impacto no desenvolvimento econômico e social. Em seguida, serão discutidos o gênero e mercado de trabalho, analisando a presença feminina no empreendedorismo e os desafios enfrentados. Também são abordadas as barreiras no empreendedorismo feminino, como dificuldades no acesso a crédito e preconceitos, além da conciliação entre vida profissional e pessoal. Outro ponto central é o papel das redes de apoio e políticas públicas no incentivo aos negócios liderados por mulheres. Por fim, apresenta-se uma discussão sobre a liderança feminina e os estilos de gestão, evidenciando sua influência no ambiente corporativo.

Empreendedorismo

O empreendedorismo é um fenômeno amplamente estudado e considerado um dos principais motores do desenvolvimento econômico. Segundo Schumpeter (2022), o empreendedor é um agente de inovação, responsável por promover mudanças no mercado por meio da introdução de novos produtos, serviços ou processos. Para o autor, a atividade empreendedora está diretamente ligada à "destruição criativa", conceito que descreve a substituição de modelos tradicionais por novas abordagens mais eficientes e inovadoras. Nesse sentido, o empreendedorismo não apenas gera oportunidades de negócios, mas também contribui para o crescimento econômico e a competitividade das nações.

Complementando essa visão, Hisrich e Peters (2004) destacam que o empreendedorismo não se restringe à inovação tecnológica, mas envolve também a identificação e a exploração de oportunidades em diversos setores. Os autores enfatizam que o sucesso de um empreendimento depende de fatores como planejamento estratégico, acesso a recursos financeiros e habilidades

gerenciais. Além disso, apontam que características individuais, como proatividade, resiliência e capacidade de assumir riscos, são determinantes para a consolidação de um negócio.

A partir dessas perspectivas, pode-se perceber que o empreendedorismo é um processo complexo, que combina criatividade, gestão eficiente e capacidade de adaptação às mudanças do mercado. Se, por um lado, Schumpeter (2022) destaca a inovação como o fator essencial para o empreendedor, por outro, Hisrich e Peters (2004) ressaltam a importância das competências e da gestão estratégica. Assim, é possível afirmar que, para além da simples criação de um negócio, o empreendedorismo exige visão de longo prazo e preparo para enfrentar desafios constantes. Isso se torna ainda mais relevante no contexto do empreendedorismo feminino, onde as barreiras estruturais e culturais impõem desafios adicionais às mulheres que buscam consolidar seus negócios.

Gênero e Mercado de trabalho

A inserção da mulher no mercado de trabalho tem sido marcada por avanços significativos nas últimas décadas, mas ainda é acompanhada por desigualdades persistentes. De acordo com Hirata (2020), o trabalho feminino é muitas vezes desvalorizado social e economicamente, sendo associado a funções de menor prestígio e remuneração. A autora destaca que, apesar do aumento da participação das mulheres na força de trabalho, elas continuam concentradas em setores considerados “femininos”, como o cuidado, a educação e os serviços, além de enfrentarem maiores dificuldades de ascensão profissional.

Já Scott (2022) aponta que as desigualdades de gênero no mundo do trabalho são sustentadas por construções históricas e culturais que atribuem papéis distintos a homens e mulheres. Segundo ela, o conceito de gênero deve ser compreendido como uma categoria analítica que ajuda a entender como as relações sociais são organizadas e hierarquizadas. No contexto do trabalho, essas construções influenciam desde o acesso às oportunidades até o reconhecimento das capacidades femininas, criando um cenário em que as mulheres precisam constantemente provar sua competência.

Diante dessas reflexões, é possível perceber que a desigualdade de gênero no mercado de trabalho não é apenas uma questão de números ou presença feminina, mas envolve fatores sociais, culturais e estruturais mais profundos. Ao relacionar os pensamentos de Hirata (2020) e Scott (2022), entende-se que o enfrentamento dessas desigualdades exige mais do que a inclusão formal das mulheres: requer uma transformação nas estruturas que sustentam essas diferenças. Dessa forma, refletir sobre gênero no mercado de trabalho é fundamental para compreender os desafios enfrentados por mulheres empreendedoras, que muitas vezes carregam as marcas dessa desigualdade ao tentarem consolidar seus próprios negócios.

Barreiras no Empreendedorismo Feminino

As mulheres empreendedoras enfrentam obstáculos específicos que vão além dos desafios comuns enfrentados por qualquer empresário. Segundo Dolabela (2022), o preconceito de gênero e os estereótipos sociais ainda são barreiras invisíveis que limitam o acesso das mulheres a recursos, redes de contatos e credibilidade no mercado. Muitas vezes, suas competências são subestimadas, especialmente em setores tradicionalmente masculinos, o que contribui para uma jornada empreendedora mais árdua e solitária.

Outro fator limitante destacado por Botelho e Leal (2021) é a dificuldade de acesso ao crédito e ao financiamento. As autoras apontam que mulheres, mesmo com ideias inovadoras e planos de negócio estruturados, têm mais dificuldade para conseguir investimento, muitas vezes por conta da desconfiança do mercado em relação à sua capacidade de gestão. Essa desigualdade econômica compromete diretamente o crescimento e a sustentabilidade dos negócios femininos, criando um ciclo de exclusão difícil de romper.

Ao refletir sobre essas barreiras, torna-se evidente que o empreendedorismo feminino não pode ser analisado apenas pela ótica do esforço individual. A análise de Dolabela (2022) e de Botelho e Leal (2021) revela que o ambiente de negócios ainda carrega estruturas desiguais que dificultam o protagonismo das mulheres. Superar essas limitações demanda políticas públicas de incentivo, ações afirmativas e mudanças culturais que reconheçam e valorizem o potencial feminino no empreendedorismo.

Conciliação entre vida profissional e pessoal

A conciliação entre vida profissional e pessoal é um dos maiores desafios enfrentados por mulheres empreendedoras, especialmente em contextos nos quais a divisão sexual do trabalho ainda é desigual. Segundo Sarti (2019), as mulheres continuam sendo as principais responsáveis pelas tarefas domésticas e pelo cuidado com os filhos, mesmo quando exercem atividades profissionais ou lideram seus próprios negócios. Essa sobrecarga de funções impacta diretamente sua produtividade, saúde mental e capacidade de crescimento profissional.

Para Hirata e Kergoat (2020), essa situação evidencia a persistência da chamada “dupla jornada”, em que as mulheres precisam administrar simultaneamente as demandas do trabalho e da casa, sem o devido suporte institucional ou familiar. A ausência de políticas públicas que promovam a equidade de gênero no cuidado, como creches acessíveis, licença parental igualitária e horários flexíveis, agrava ainda mais essa condição. No contexto do empreendedorismo, isso pode resultar em menor tempo dedicado à gestão e inovação dos negócios.

Diante dessas realidades, é fundamental reconhecer que a conciliação entre vida pessoal e profissional não é apenas uma questão de organização individual, mas sim um problema estrutural que afeta especialmente as mulheres. A análise dos autores mostra que, sem transformações sociais e políticas que redistribuam as responsabilidades de cuidado, muitas empreendedoras continuarão enfrentando limitações injustas no desenvolvimento de suas carreiras. Promover essa mudança é essencial para garantir igualdade de oportunidades no ambiente empresarial.

Redes de Apoio e políticas públicas

As redes de apoio têm papel fundamental no fortalecimento do empreendedorismo feminino, especialmente ao oferecer suporte emocional, técnico e financeiro para mulheres que enfrentam múltiplos desafios na gestão de seus negócios. Segundo Parente, Santos e Costa (2022), iniciativas como redes de mentoria, associações de empreendedoras e grupos de cooperação são importantes fontes de aprendizado e troca de experiências, além de proporcionarem maior visibilidade para negócios liderados por mulheres.

Do ponto de vista das políticas públicas, Costa e Abramovay (2021) destacam a importância de programas governamentais que incentivem o empreendedorismo feminino por meio do acesso facilitado ao crédito, capacitação e apoio à formalização de negócios. No entanto, os autores também observam que muitas dessas políticas ainda não são amplamente divulgadas ou efetivamente implementadas, o que limita o alcance e o impacto sobre o público-alvo. A ausência de uma abordagem interseccional também compromete o atendimento de grupos mais vulneráveis, como mulheres negras e periféricas.

A análise das contribuições mostra que, para que o empreendedorismo feminino se consolide como estratégia de desenvolvimento social e econômico, é necessário o fortalecimento simultâneo das redes de apoio e das políticas públicas. Ambas se complementam: enquanto as redes proporcionam suporte direto e humanizado, as políticas públicas oferecem a estrutura institucional necessária para a sustentabilidade desses negócios. O avanço do empreendedorismo feminino depende de ações coordenadas que promovam igualdade de condições e acesso a oportunidades.

Liderança feminina e estilos de gestão

A liderança feminina vem ganhando reconhecimento no cenário empresarial por apresentar características associadas à empatia, escuta ativa, colaboração e visão estratégica. De acordo com Hirata (2020), esses elementos são frequentemente desvalorizados em ambientes dominados por uma cultura corporativa tradicionalmente masculina, que privilegia posturas autoritárias e competitivas. No entanto, estudos recentes mostram que empresas lideradas por mulheres tendem a apresentar maior capacidade de adaptação, inovação e engajamento das equipes.

Complementando essa visão, Parente, Santos e Costa (2022) apontam que o estilo de gestão adotado por muitas líderes mulheres é mais participativo e horizontal, promovendo um ambiente de trabalho mais inclusivo e cooperativo. Essa abordagem favorece o desenvolvimento de talentos e a retenção de profissionais, além de melhorar o clima organizacional. Apesar disso, muitas mulheres ainda enfrentam resistência e questionamentos quanto à sua autoridade, especialmente em setores historicamente masculinizados.

É fundamental compreender que os estilos de liderança não devem ser rotulados por gênero, mas sim avaliados quanto à sua eficácia em diferentes contextos. No entanto, o reconhecimento e a valorização das contribuições femininas na gestão ainda são desiguais. Ao trazer essas reflexões, percebemos que a promoção da equidade de gênero nas lideranças empresariais não só beneficia as mulheres, mas também contribui para ambientes mais diversos, inovadores e sustentáveis.

Os estudos sobre estilos de liderança ganharam destaque a partir das classificações propostas por autores como Goleman (2000), que identificou seis estilos principais: coercitivo, autoritativo, afiliativo, democrático, modelador e treinador. Cada um desses estilos apresenta características próprias e pode ser mais ou menos eficaz dependendo do contexto e da equipe. A liderança democrática e a de treinador, por exemplo, tendem a gerar maior engajamento e satisfação entre os colaboradores, ao passo que o estilo coercitivo, centrado na autoridade, pode provocar resistência e desmotivação.

A análise da liderança sob a perspectiva de gênero evidencia que mulheres líderes frequentemente adotam estilos mais colaborativos, como o democrático e o afiliativo, priorizando o diálogo, a escuta ativa e a construção coletiva. Segundo Eagly e Carli (2018), essa preferência se deve tanto a traços culturais e sociais atribuídos ao feminino quanto à necessidade de legitimar sua posição em ambientes ainda marcados por normas masculinas. No entanto, mesmo demonstrando eficácia, esses estilos ainda são muitas vezes subvalorizados frente ao modelo tradicional autoritário, associado à liderança masculina.

É nesse ponto que se revela a importância de discutir a liderança feminina não apenas como uma presença crescente, mas como uma alternativa eficaz e necessária nos ambientes organizacionais. Ao unir a teoria dos estilos de liderança com a análise de gênero, percebe-se que mulheres vêm transformando a forma de liderar, trazendo mais empatia, inclusão e inovação. Reforçar essas qualidades e reconhecer sua validade é essencial para avançar rumo a uma gestão mais equitativa e eficiente.

METODOLOGIA

A metodologia deste estudo adota uma abordagem mista, unindo métodos quantitativos e qualitativos para investigar as barreiras, os desafios e as oportunidades enfrentadas por mulheres empreendedoras de micro e pequenas empresas. Para isso, serão utilizadas tanto a pesquisa bibliográfica quanto a pesquisa de campo, possibilitando uma análise mais aprofundada do tema.

Pesquisa Bibliográfica: A primeira etapa consistiu em uma revisão de literatura, na qual foram analisados livros, websites e artigos científicos que abordam temas como empreendedorismo, mercado de trabalho, desigualdade de gênero e políticas públicas voltadas ao incentivo de negócios liderados por mulheres. Essa fase teve o objetivo de construir uma base teórica sólida para fundamentar a análise dos dados coletados na pesquisa de campo.

Pesquisa de Campo: A coleta de dados foi realizada no primeiro semestre de 2025 com abordagem qualitativa e quantitativa e feita por meio de duas estratégias principais:

- a) **Aplicação de questionários:** A amostra foi escolhida de forma intencional, a partir da disponibilidade de empreendedoras de micro e pequenas empresas que aceitaram participar do estudo. A ideia foi garantir diversidade de experiências, reunindo mulheres de diferentes idades, formações e áreas de atuação. Dessa forma, mesmo com um número relativamente pequeno de participantes (25 no questionário e uma entrevistada), foi possível captar percepções variadas e relevantes. O objetivo não foi generalizar os resultados para todas as empreendedoras, mas sim oferecer um retrato representativo que ajudasse a compreender de maneira mais profunda os desafios e oportunidades que essas mulheres vivenciam no dia a dia a partir do questionário.
- b) **Entrevista semiestruturada:** Para complementar os dados, foi conduzida uma entrevista com uma empresária, permitindo um aprofundamento das informações sobre suas vivências, estratégias e percepções em relação ao

mercado. A realização da entrevista visou capturar aspectos subjetivos e contextuais que não foram contemplados na aplicação do questionário.

Análise e Interpretação dos Dados: Após a coleta, os dados passaram por um processo de análise realizado pela estudante e orientadora. As questões objetivas foram tratadas estatisticamente, permitindo identificar padrões e tendências nas respostas das empreendedoras. Já os dados qualitativos foram examinados por meio da análise de conteúdo, buscando compreender as experiências individuais e os desafios enfrentados. A combinação dessas duas abordagens permitiu uma visão mais completa sobre o tema, associando dados quantitativos com percepções qualitativas. A apresentação dos resultados foi feita por meio de gráficos e descrição textual, proporcionando uma visualização clara e objetiva das informações coletadas.

RESULTADOS

A análise dos resultados apresentados a seguir teve como base as respostas de 25 mulheres empreendedoras de micro e pequenas empresas que participaram do formulário elaborado para esta pesquisa. O objetivo foi compreender, sob a ótica feminina, as principais barreiras, desafios e oportunidades enfrentadas no ambiente do empreendedorismo. O questionário foi construído a partir dos temas abordados na fundamentação teórica, como acesso a crédito, preconceito de gênero, conciliação entre vida pessoal e profissional, redes de apoio, políticas públicas e estilos de liderança. As respostas obtidas foram organizadas em gráficos, acompanhadas de uma análise descritiva e interpretativa, permitindo relacionar os dados empíricos com os conceitos e autores discutidos no referencial teórico.

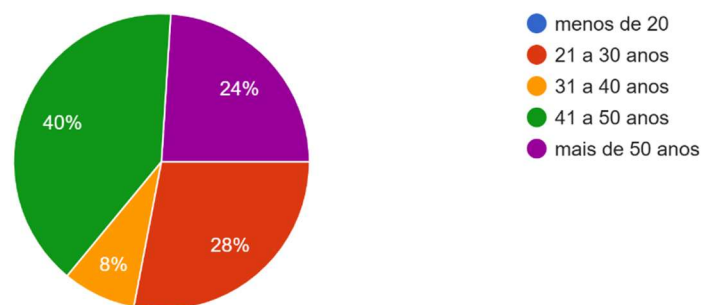
Apresentação e análise de dados – Questionário

Perfil das participantes

Primeiramente, foi traçado o perfil das empreendedoras participantes da pesquisa, considerando aspectos como sexo, idade, escolaridade e tempo de atuação.

Todas as participantes da pesquisa se identificaram com o sexo feminino (100%), reforçando o foco deste estudo no empreendedorismo feminino, conforme destacado por Hirata (2020), que enfatiza a necessidade de compreender as especificidades de gênero no ambiente de negócios.

Figura 1 - Idade



Fonte: Dados da pesquisa, 2025

De acordo com a Figura 1 as participantes possuem um perfil etário diversificado:

- 28% têm entre 21 e 30 anos;
- 8% entre 31 e 40 anos;
- 40% entre 41 e 50 anos;
- 24% com mais de 50 anos.

Esse dado revela uma significativa presença de mulheres empreendedoras na faixa acima dos 40 anos (64%), mas também a atuação em outras faixas etárias. Esse dado também dialoga com a visão de Parente, Santos e Costa (2022) sobre a diversidade etária no empreendedorismo feminino, indicando que mulheres em diferentes fases da vida buscam a autonomia profissional.

Quanto ao nível de escolaridade:

- 4% possuem ensino fundamental completo/incompleto;
- 12% possuem ensino médio completo/incompleto;
- 48% possuem ensino superior completo/incompleto;
- 28% possuem pós-graduação;
- 8% possuem mestrado/doutorado.

Fonte: Dados da pesquisa, 2025

O elevado grau de escolarização, com mais de 80% das participantes com ensino superior ou mais, reforça a perspectiva de Hisrich e Peters (2004) sobre a relevância das competências e habilidades gerenciais no sucesso de empreendimentos. Este perfil também sugere que a busca pelo empreendedorismo é frequentemente associada à qualificação e formação.

Em relação ao tempo de atuação:

- 4% empreendem há menos de 1 ano;

- 32% de 1 a 5 anos;
- 12% de 6 a 10 anos;
- 52% há mais de 10 anos.

Esse dado revela um grupo predominantemente experiente e com longa trajetória empreendedora. O fato de mais da metade atuar há mais de uma década reflete resiliência e permanência no mercado, em consonância com a visão de Dolabela (2022) sobre a força e persistência das mulheres empreendedoras.

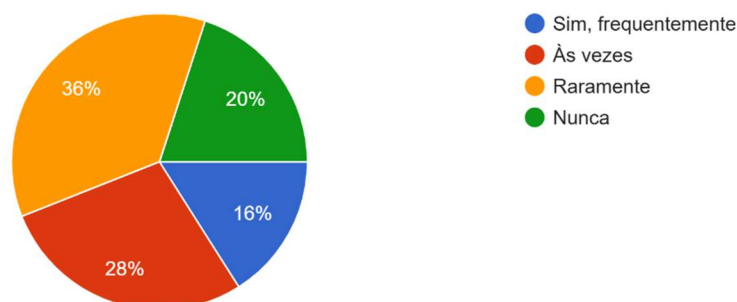
As empreendedoras atuam em diversas áreas, incluindo:

- Varejo / Moda;
- Tecnologia e financeiro;
- Educacional;
- Advocacia e educação;
- Clínica de estética;
- Empresa de geladinhos gourmet;
- Loja de lingerie;
- Tecnologia;
- Comércio de arte. Marchand;
- Empresa de móveis;
- Imagem e moda sustentável;
- Artesanato;
- Empresa de seguro de vida e de suplementos;
- Empreendimento Náutico e lazer;
- Design de interiores;
- Varejo de moda feminina;
- Fotografia;
- Área farmacêutica;
- Comércio;
- Saúde e beleza (2 empresarias)
- Consultório e clínica de Psicologia;
- Auto Mobilístico.

Essa variedade corrobora a visão de Hisrich e Peters (2004), que destacam a atuação empreendedora além da inovação tecnológica, expandindo-se para múltiplos setores e nichos de mercado.

Percepção sobre liderança e competência

Figura 2 – Quanto ao questionamento da sua liderança.



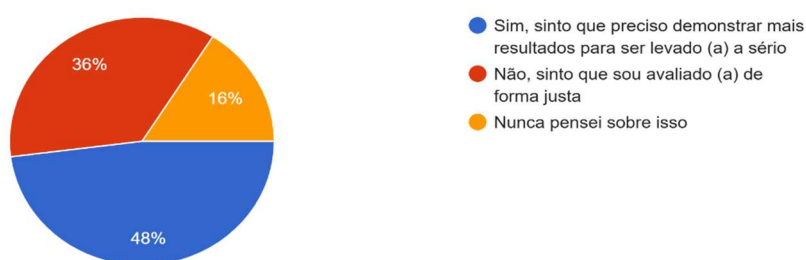
Fonte: Dados da pesquisa, 2025

De acordo com a Figura 2 as respostas indicam:

- 16% afirmam que sim, frequentemente;
- 28% às vezes;
- 36% raramente;
- 20% nunca.

Apesar de uma parcela relevante afirmar que raramente ou nunca teve sua liderança questionada (56%), ainda há 44% que se sentem, em algum nível, questionadas. Isso reforça a crítica de Dolabela sobre a presença de barreiras invisíveis, que afetam a percepção sobre a autoridade das mulheres no mundo dos negócios.

Figura 3 – Quanto a Percepção sobre a necessidade de provar competência por ser mulher.



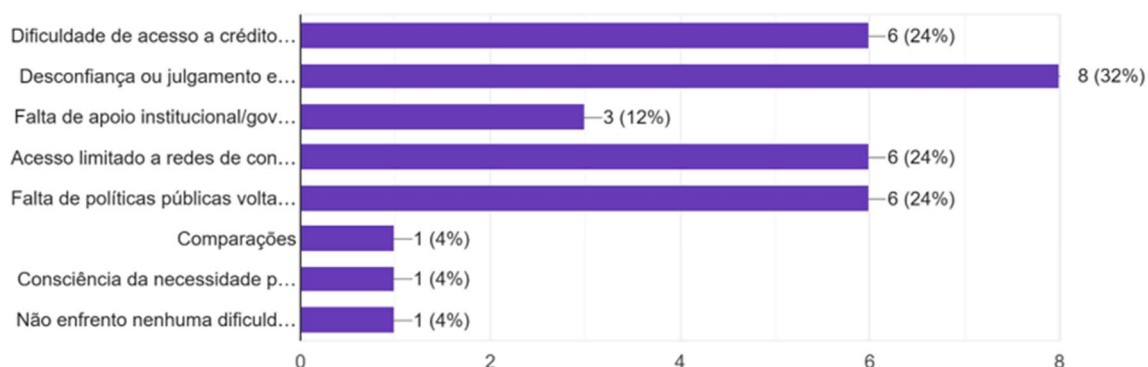
Fonte: Dados da pesquisa, 2025

Como observado na Figura 3:

- 48% sentem que precisam demonstrar mais resultados para serem levadas a sério;
- 36% acreditam que são avaliadas de forma justa;
- 16% nunca pensaram sobre isso.

Esses dados reforçam a análise de Botelho e Leal (2021) sobre o impacto das desigualdades de gênero no ambiente de negócios, mostrando que quase metade das empreendedoras ainda sente a necessidade de reafirmar constantemente sua competência, sinalizando um cenário de tensão e insegurança.

Figura 4 - Barreiras enfrentadas no processo de empreender



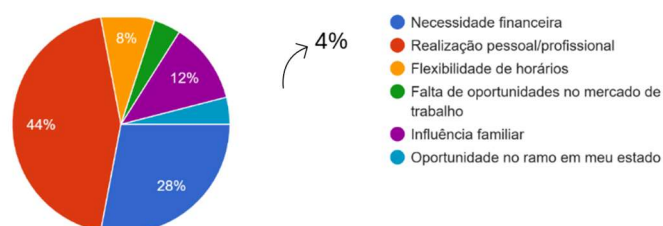
Fonte: Dados da pesquisa, 2025

As principais barreiras apontadas pelas respondentes, de acordo com a Figura 4 foram:

- 32%: desconfiança ou julgamento em função do perfil pessoal (gênero, idade etc.);
- 24%: dificuldade de acesso a crédito ou financiamento;
- 24%: acesso limitado à rede de contatos (Networking);
- 24%: falta de políticas públicas voltadas ao perfil de negócio;
- 12%: falta de apoio institucional/governamental;
- 4%: comparações;
- 4%: consciência da necessidade de cuidar da saúde mental;
- 4%: não enfrenta nenhuma dificuldade.

Esses dados corroboram a visão de Dolabela (2022) sobre o preconceito estrutural que as mulheres enfrentam, reforçando a necessidade de fortalecimento das políticas públicas e redes de apoio, como defendido por Parente, Santos e Costa (2022).

Figura 5 - Motivações para empreender



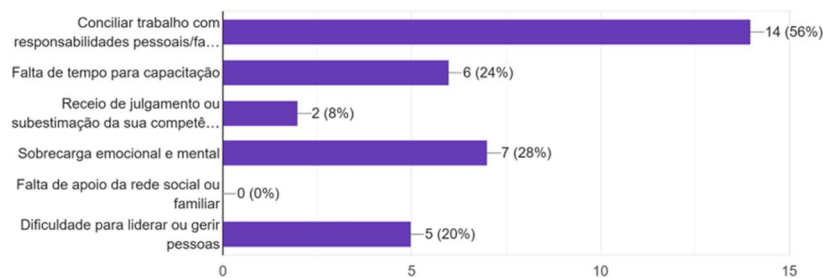
Fonte: Dados da pesquisa, 2025

As principais motivações de acordo com a Figura 5 foram:

- 44%: realização pessoal/profissional;
- 28%: necessidade financeira;
- 12%: influência familiar;
- 8%: flexibilidade de horários;
- 4%: falta de oportunidades no mercado de trabalho;
- 4%: oportunidade no ramo em meu estado.

Esses resultados apontam que a maioria das mulheres empreendeu por desejo de realização, mas um número considerável também por necessidade, o que está alinhado com a análise de Scott (2022), que identifica o empreendedorismo feminino tanto como uma busca por autonomia, quanto como uma alternativa diante da ausência de oportunidades formais de trabalho.

Figura 6 - Desafios na rotina empreendedora



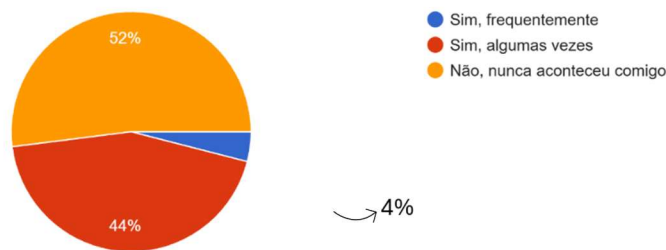
Fonte: Dados da pesquisa, 2025

- 56%: conciliar trabalho com responsabilidades pessoais/familiares;
- 28%: sobrecarga emocional e mental;
- 24%: falta de tempo para capacitação;
- 20%: dificuldade para liderar ou gerir pessoas;
- 8%: receio de julgamento ou subestimação da competência;
- 0%: falta de apoio da rede social ou familiar.

O desafio mais recorrente é a conciliação entre trabalho e família, corroborando a discussão de Hirata e Kergoat (2020) sobre a dupla jornada e a sobrecarga que recai sobre as mulheres, impactando sua produtividade e saúde mental.

Percepção sobre competência e gênero

Figura 7 - Vivência de questionamento da competência empreendedora por causa do gênero



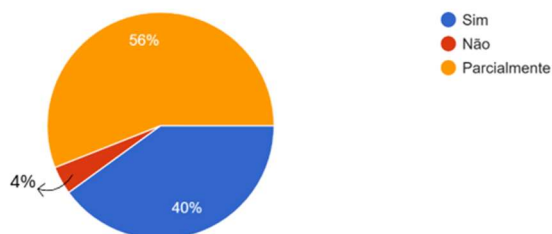
Fonte: Dados da pesquisa, 2025

A Figura 7 mostra as seguintes respostas das empreendedoras:

- 4%: sim, frequentemente;
- 44%: sim, algumas vezes;
- 52%: não, nunca aconteceu.

Esse dado evidencia que, embora haja uma percepção positiva de normalização da presença feminina no empreendedorismo, quase metade ainda enfrenta situações de questionamento e estereótipos, o que reforça a crítica de Dolabela (2022) sobre as barreiras invisíveis enfrentadas pelas mulheres. Esse dado confirma a permanência de estigmas, conforme destacado por Parente, Santos e Costa (2022).

Figura 8 - Conciliação entre vida pessoal e profissional



Fonte: Dados da pesquisa, 2025

A Figura 8 apresenta que:

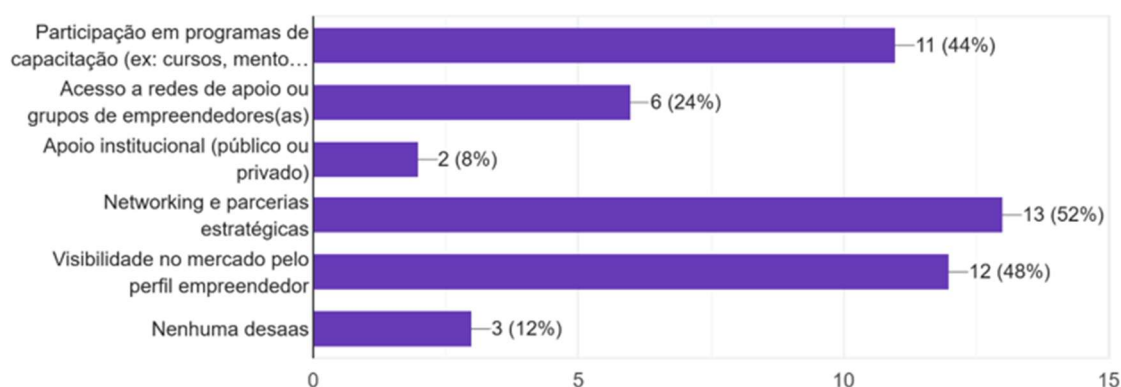
- 40%: sim;
- 56%: parcialmente;
- 4%: não.

A predominância de respostas que indicam dificuldade ou conciliação parcial revela um aspecto central do empreendedorismo feminino: a necessidade de equilibrar as demandas profissionais com as responsabilidades familiares e domésticas. Esse desafio é amplamente discutido por Hirata e Kergoat (2020), que apontam a persistência da divisão desigual do trabalho como uma das principais barreiras para a plena autonomia das mulheres.

Embora uma parte significativa consiga administrar ambas as esferas, a maioria enfrenta algum nível de sobrecarga, confirmando o fenômeno da "dupla jornada", que impacta negativamente no bem-estar e produtividade das empreendedoras, conforme analisado por Sarti (2019).

Esse cenário evidencia a importância de políticas públicas e ações institucionais que favoreçam a redistribuição das responsabilidades familiares e ofereçam suporte estruturado, promovendo um ambiente mais equitativo e favorável ao desenvolvimento dos negócios liderados por mulheres.

Figura 9 - Oportunidades que contribuíram para o desenvolvimento do negócio



Fonte: Dados da pesquisa, 2025

A partir da Figura 9, é visto que:

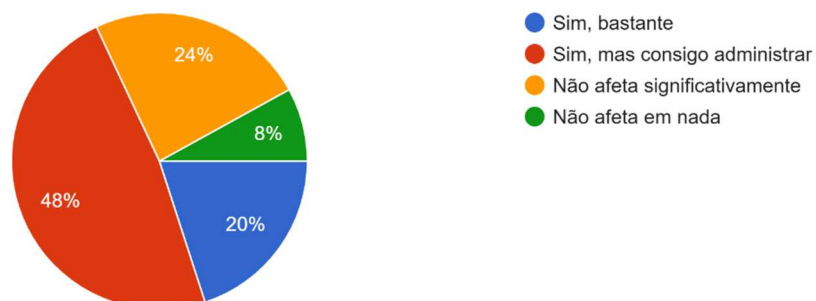
- 52%: networking e parcerias estratégicas;
- 48%: visibilidade no mercado pelo perfil empreendedor;
- 44%: participação em programas de capacitação;
- 24%: acesso a redes de apoio ou grupos de empreendedores;
- 8%: apoio institucional (público ou privado);
- 12%: nenhuma dessas.

Esses resultados reforçam a importância das redes de apoio e networking para o sucesso dos negócios femininos, como defendido por Parente, Santos e Costa (2022), demonstrando que estratégias coletivas são essenciais para superar barreiras.

Entre as oportunidades, vale destacar o papel de instituições como o Sebrae, que oferece cursos, mentorias e até linhas de crédito voltadas para mulheres empreendedoras. Programas como o Sebrae Delas têm ajudado a fortalecer a presença feminina nos negócios, com foco em liderança, gestão e inovação. Além disso, políticas públicas como o Estatuto da Micro e Pequena Empresa e a criação do MEI facilitaram a formalização de pequenos negócios, trazendo benefícios fiscais e previdenciários. No entanto, a pesquisa mostrou que muitas empreendedoras ainda não conhecem ou não utilizam esses recursos, o que mostra a importância de maior divulgação e acesso. Assim, percebe-se que as oportunidades existem, mas só geram impacto real quando chegam de forma clara e acessível às mulheres que estão empreendendo.

Impacto das responsabilidades familiares

Figura 10 – Questionamento se há impacto das responsabilidades familiares no empreendedorismo



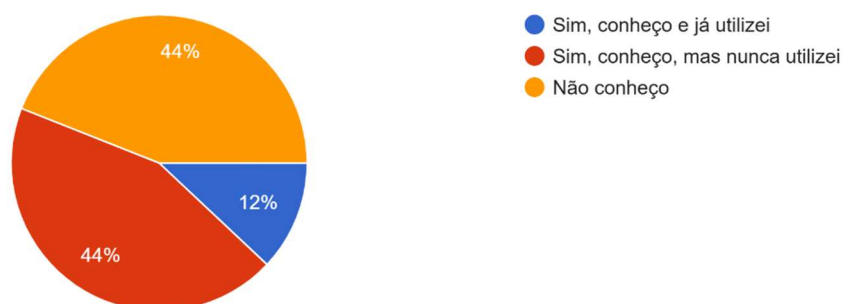
Fonte: Dados da pesquisa, 2025

Como observado na Figura 10:

- 20%: sim, bastante;
- 48%: sim, mas consigo administrar;
- 24%: não afeta significativamente;
- 8%: não afeta nada.

Apesar de quase metade afirmar que consegue administrar, o impacto familiar ainda é expressivo, reforçando a necessidade de políticas públicas que promovam a redistribuição das responsabilidades de cuidado, conforme discutido por Hirata e Kergoat (2020).

Figura 11 – Questionamento sobre conhecimento sobre políticas públicas e programas de incentivo.



Fonte: Dados da pesquisa, 2025

De acordo com a Figura 11 as respostas indicam:

- 12%: sim, conheço e já utilizei;

- 44%: sim, conheço, mas nunca utilizei;
- 44%: não conheço.

A expressiva falta de utilização e conhecimento sobre políticas públicas reforça a crítica de Costa e Abramovay (2021) sobre a baixa efetividade e divulgação dessas políticas, que acabam não atingindo seu público-alvo.

Síntese interpretativa

Os resultados indicam que, apesar da presença marcante de mulheres experientes e altamente qualificadas no empreendedorismo, persistem barreiras estruturais e simbólicas, sobretudo relacionadas ao preconceito de gênero e à sobreposição de responsabilidades familiares.

Por outro lado, observa-se que as redes de apoio, o networking e a capacitação são fatores determinantes para o fortalecimento dos negócios femininos, confirmando a importância das estratégias coletivas e da atuação institucional para minimizar as dificuldades enfrentadas.

Apresentação e análise de dados – Entrevista

Para complementar os dados obtidos via questionário, foi realizada uma entrevista com a empreendedora Lorryne Martins da Silva, de 28 anos, formada em Letras com certificações internacionais e fundadora da escola “Inglês Sem Fronteiras”, onde atua há 4 anos.

Motivação e início da jornada

Lorryne relatou que sua motivação para empreender surgiu da insatisfação com os modelos tradicionais de ensino e do desejo de atuar de forma mais humanizada e personalizada na educação. A frustração com a rigidez das instituições onde lecionava impulsionou sua busca por um modelo próprio, culminando na abertura de seu negócio após uma experiência internacional.

Sua trajetória reforça a análise de Dolabela (2022) sobre o empreendedorismo como um caminho para quem deseja transformar realidades e buscar propósito e realização, mais do que meramente lucro. A busca por formação no exterior também evidencia traços de proatividade e resiliência, típicos do perfil empreendedor descrito por Hisrich e Peters (2004).

Barreiras estruturais

A empreendedora destacou como principais barreiras:

- A falta de credibilidade associada à juventude, sendo constantemente questionada sobre sua capacidade devido à pouca idade e ausência de “experiência prévia”.
- A dificuldade de acesso a crédito, preferindo, por isso, financiar o crescimento do negócio por meio reinvestimento dos lucros, evitando empréstimos bancários.

Esses relatos corroboram os dados do questionário, onde 32% das participantes apontaram o julgamento baseado no perfil pessoal como uma barreira (Figura 4), e 24% relataram dificuldades de acesso a crédito (Figura 4).

Conforme discutem Botelho e Leal (2021) e Scott (2022), tais barreiras estruturais e simbólicas ainda são comuns no empreendedorismo feminino, reforçando a necessidade de políticas que reduzam esses obstáculos e promovam a inclusão e equidade.

Além disso, Lorryne mencionou a ausência de um sócio como um fator que limitou seu acesso a linhas de crédito maiores, revelando como as exigências bancárias ainda podem desfavorecer pequenos negócios femininos, principalmente quando liderados por mulheres jovens e sozinhas.

Desafios pessoais e profissionais

A conciliação entre a vida pessoal e profissional foi apontada como um dos maiores desafios, sobretudo após o início da gestação. Lorryne relatou que, inicialmente, priorizava o trabalho, mas com o tempo aprendeu a buscar equilíbrio, destacando o papel do autocuidado para manter o bem-estar e a eficácia na gestão do negócio.

Este relato reforça a análise de Hirata e Kergoat (2020) e Sarti (2019) sobre a sobreposição de funções que as mulheres empreendedoras frequentemente vivenciam, resultando em sobrecarga emocional e mental.

Lorryne também apontou a dificuldade de abrir mão do controle durante a gestação como um aprendizado importante, refletindo sobre o “falso controle” que muitas vezes acredita-se ter sobre as rotinas, especialmente no empreendedorismo.

Sobre a sobrecarga mental, destacou que aprendeu a lidar com ela ao reconhecer que os problemas têm a dimensão que atribuímos a eles. A necessidade de estar emocionalmente equilibrada para gerir pessoas e negócios reflete a visão de Goleman (2000) sobre a importância da inteligência emocional na liderança.

Oportunidades e apoio

Lorryne relatou que participou de diversas mentorias e cursos informais, como os oferecidos pelo G4 Educação e Segredos da Audiência, além de realizar parcerias com empresas como o IPOG. Ela ressaltou que essas experiências foram primordiais para o desenvolvimento de seu negócio, contribuindo com novos insights e estratégias práticas.

Sua preferência por capacitações direcionadas reforça a importância de programas de desenvolvimento para mulheres empreendedoras, tema destacado por Parente, Santos e Costa (2022) e Brush (2017) como fator crucial para o fortalecimento dos negócios femininos.

Em contrapartida, revelou ter evitado participar de grupos formais de networking devido ao custo, à competitividade e à demanda excessiva de tempo e energia, aspectos que podem representar barreiras adicionais para mulheres que, além do trabalho, gerenciam múltiplas responsabilidades.

Um ponto importante foi sua percepção crítica sobre a competição entre mulheres, relatando dificuldade em encontrar espaços genuínos de apoio mútuo e colaboração feminina. Tal perspectiva desafia parte da literatura que idealiza as redes de apoio femininas como ambientes

sempre acolhedores e cooperativos, evidenciando que a prática pode ser mais complexa, como aponta também Scott (2022).

Por fim, destacou que o apoio pessoal mais significativo veio de seu marido, também empreendedor, reforçando a relevância das alianças familiares para o sucesso dos negócios, conforme salientado por Parente, Santos e Costa (2022).

Liderança feminina

Lorrayne revelou, ao longo da entrevista, aspectos que configuram uma liderança empática e adaptativa: saber quando agir com firmeza e quando oferecer acolhimento aos colaboradores, características que dialogam com o conceito de liderança transformacional descrito por Eagly & Carli (2018).

Além disso, sua gestão é marcada pela consciência sobre a necessidade de bem-estar pessoal para uma liderança efetiva, alinhando-se à perspectiva de Goleman (2000) sobre a centralidade da inteligência emocional no exercício da liderança.

Percepções finais e sugestões

Embora Lorrayne tenha afirmado que 'ninguém nos ensina a empreender' e que grande parte do aprendizado ocorre na prática, ela também destacou a importância de mentorias, cursos e capacitações como formas fundamentais de apoio. Sua fala demonstra que, apesar do caráter prático do empreendedorismo, o acesso a orientações especializadas pode acelerar o desenvolvimento de competências e contribuir para a sustentabilidade dos negócios.

Sua trajetória evidencia que, embora o empreendedorismo feminino tenha avançado, ainda há lacunas significativas em termos de suporte institucional e estruturas de acolhimento, conforme também criticado por Costa & Abramovay (2021) e relatado nas estatísticas do SEBRAE (2025).

Por fim, sua filosofia de buscar sempre aprender com pessoas "melhores" e de se nutrir de referências que impulsionam seu crescimento expressa uma visão de empreendedorismo como jornada contínua de aprendizado, em consonância com as teorias contemporâneas sobre desenvolvimento profissional.

Síntese da análise

A trajetória da entrevistada reflete diversos elementos comuns à experiência de mulheres empreendedoras no Brasil:

- A busca por realização pessoal e propósito;
- As dificuldades relacionadas à credibilidade, mais associadas à idade do que ao gênero;
- O desafio constante da conciliação entre múltiplos papéis;
- A importância de capacitação contínua e mentorias para o crescimento do negócio;
- E a necessidade de fortalecer redes de apoio reais e efetivas entre mulheres empreendedoras.

Sua narrativa amplia a compreensão dos dados coletados no questionário, proporcionando um olhar mais subjetivo e humano sobre as dinâmicas, desafios e estratégias que permeiam o empreendedorismo feminino.

Análise cruzada das pesquisas

A comparação entre os dados obtidos por meio do questionário e da entrevista evidenciou importantes convergências, como a busca pela realização pessoal como principal motivação para empreender e as dificuldades enfrentadas, especialmente relacionadas à credibilidade e à sobrecarga emocional. Tanto Lorrayne quanto as respondentes do questionário relataram desafios na conciliação entre vida pessoal e profissional, reforçando a persistência da dupla jornada, conforme discutem Hirata e Kergoat (2020).

Ao mesmo tempo, a entrevista permitiu aprofundar aspectos que nem sempre são captados em pesquisas quantitativas, como a percepção de Lorrayne sobre o peso maior da idade frente ao gênero e a sua crítica à competitividade entre mulheres, revelando tensões que ampliam a compreensão das barreiras simbólicas discutidas por Dolabela (2022).

Por fim, ambos os instrumentos destacaram a importância das redes de apoio e capacitações como ferramentas para o fortalecimento dos negócios, embora a entrevista tenha apontado limites práticos, como o custo e a demanda de tempo, que podem dificultar o acesso. Essa análise integrada reforça a necessidade de políticas públicas mais sensíveis e ajustadas à realidade das mulheres empreendedoras, promovendo um ambiente mais acolhedor e equitativo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou compreender as vivências de mulheres empreendedoras, explorando as barreiras, desafios e oportunidades que se manifestam no cotidiano dessas trajetórias, a partir de uma abordagem que combinou métodos quantitativos e qualitativos. Com base nas análises realizadas, conclui-se que tanto o objetivo geral - investigar as principais barreiras, desafios e oportunidades que as mulheres empreendedoras de micro e pequenas empresas no Brasil se deparam – tanto os objetivos específicos foram alcançados. A pesquisa revelou que, embora o empreendedorismo feminino esteja cada vez mais consolidado como uma alternativa de realização pessoal e independência econômica, ainda existem importantes obstáculos estruturais e simbólicos que limitam o pleno desenvolvimento dessas mulheres.

Esta pesquisa respondeu de maneira satisfatória as seguintes questões-problema:

Quais são as principais barreiras, desafios e oportunidades que as mulheres empreendedoras de micro e pequenas empresas se deparam?

A pesquisa identificou barreiras estruturais e simbólicas, como o acesso restrito a crédito, a desconfiança quanto à capacidade das mulheres empreenderem, os estigmas de gênero, e a sobrecarga associada à dupla jornada. Entre os desafios enfrentados no cotidiano, destacam-se a dificuldade em manter a estabilidade financeira dos negócios, a solidão da liderança, a falta de preparo técnico em áreas como gestão e finanças, além da necessidade constante de se provar capaz em ambientes ainda marcados por preconceitos. Muitas relataram também a dificuldade

de equilibrar o crescimento do empreendimento com as demandas pessoais, sem comprometer a qualidade de vida. Por outro lado, foram percebidas diversas oportunidades, como a autonomia na gestão do tempo, o fortalecimento da autoestima e da identidade profissional, a criação de redes de apoio entre mulheres e o acesso crescente a mentorias, capacitações e iniciativas de fomento ao empreendedorismo feminino.

Como as mulheres conseguem conciliar vida profissional e pessoal?

A conciliação entre vida pessoal e profissional se mostrou um dos principais desafios apontados pelas participantes. No entanto, muitas relataram que essa gestão é viabilizada por meio de estratégias como a flexibilidade proporcionada pelo próprio negócio, o apoio da família, a organização do tempo e a priorização de tarefas, ainda que, em muitos casos, isso implique em uma rotina exaustiva e sobrecarregada.

Os dados resultantes do questionário, aplicado a 25 empreendedoras, demonstraram que a realização pessoal/profissional é a principal motivação para empreender, confirmando tendências apontadas por estudiosos como Dolabela (2022) e Scott (2022). Entretanto, as participantes também relataram barreiras significativas, como a desconfiança sobre sua competência, a dificuldade de acesso a crédito e a sobrecarga resultante da conciliação entre trabalho e vida pessoal, aspectos que reiteram a importância das discussões sobre a dupla jornada e os estigmas de gênero, como abordam Hirata e Kergoat (2020) e Parente, Santos e Costa (2022).

A realização da entrevista possibilitou um olhar mais profundo e subjetivo, evidenciando que o julgamento social nem sempre se dá apenas em função do gênero, mas também da idade e da falta de experiência prévia. A trajetória da entrevistada ilustra as dificuldades típicas do início da atividade empreendedora, mas também destaca estratégias importantes de superação, como a busca por mentorias e a formação de parcerias estratégicas, aspectos fundamentais para o fortalecimento dos negócios liderados por mulheres.

Por fim, esta pesquisa reforça a necessidade de políticas públicas mais efetivas e sensíveis às especificidades do empreendedorismo feminino, promovendo não apenas o acesso a recursos financeiros, mas também a redes de apoio reais e acolhedoras, que valorizem as múltiplas identidades, desafios e potencialidades das mulheres que optam por empreender. Sugere-se, para trabalhos futuros, que possam seguir aprofundando essa reflexão, ouvindo as diferentes vozes das mulheres que empreendem e, assim, contribuindo para a construção de um cenário mais justo, diverso e humanizado para todas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOTELHO, M. F.; LEAL, E. M. *Empreendedorismo feminino: desafios e oportunidades para mulheres empreendedoras*. São Paulo: Atlas, 2021.

BRUSH, C. G.; GREENE, P. G.; BALACHANDRA, L.; DAVIS, A. *The influence of human capital factors and context on women's entrepreneurship: Which matters more?* *Journal of Business Venturing Insights*, v. 8, p. 105–113, 2017. Disponível em:

<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S2352673417300495>. Acesso em: 29 maio 2025.

COSTA, A. A.; ABRAMOVAY, M. *Políticas públicas para mulheres empreendedoras: avanços e desafios no Brasil*. Brasília: IPEA, 2021.

DOLABELA, Fernando. *O segredo de Luísa: uma ideia, uma paixão e um plano de negócios: como nasce o empreendedor e se cria uma empresa*. 28. ed. São Paulo: Sextante, 2022.

EAGLY, A. H.; CARLI, L. L. *Through the Labyrinth: The Truth About How Women Become Leaders*. Harvard Business Review Press, 2018.

GOLEMAN, D. *Liderança: a inteligência emocional na formação do líder de sucesso*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.

HIRATA, H. *Gênero, patriarcado, trabalho: reflexões sobre a liderança feminina*. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2020.

HIRATA, H. *Nova divisão sexual do trabalho? Um olhar voltado para a empresa e a sociedade*. 6. ed. São Paulo: Boitempo, 2020.

HIRATA, H.; KERGOAT, D. *Novas configurações da divisão sexual do trabalho?* 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2020.

HISRICH, Robert D.; PETERS, Michael P. *Empreendedorismo*. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

PARENTE, J.; SANTOS, M. A.; COSTA, C. G. *Empreendedorismo feminino: redes de apoio e desenvolvimento*. São Paulo: Atlas, 2022.

SARTI, C. A. *Família e domicílio: um estudo sobre as formas de convívio familiar*. 6. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2019.

SCHUMPETER, Joseph A. *Capitalismo, socialismo e democracia*. Edição integral. São Paulo: Edipro, 2022.

SCOTT, J. W. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. 2. ed. Campinas: Editora Unicamp, 2022.

SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS (SEBRAE). *Participação das mulheres no universo do empreendedorismo volta a crescer*. Agência Sebrae de Notícias, 15 maio 2025. Disponível em: <https://agenciasebrae.com.br/cultura-empreendedora/participacao-das-mulheres-no-universo-do-empreendedorismo-volta-a-crescer/>. Acesso em: 29 maio 2025.